

que Spielberg concordou em filmar “Superbrinquedos” — agora intitulado *A.I.* — da forma como Kubrick planejara fazê-lo.

As filmagens começaram em Long Island em junho de 2000. O lançamento do filme foi programado, muito apropriadamente, para 2001.

## Superbrinquedos duram o verão todo

No jardim da sra. Swinton era sempre verão. As adoráveis amendoeiras tinham folhas o ano inteiro. Monica Swinton apanhou uma rosa cor de açafão e a mostrou a David.

— Não é linda?

David ergueu os olhos para ela, sorriu sem mostrar os dentes. Pegou o botão, saiu correndo pelo gramado e desapareceu atrás do canil, onde o ceifador, agachado, fazia plantão para cortar, varrer ou aparar o que se fizesse necessário. Sozinha, Monica estacou na trilha impecável de cascalho plástico.

Bem que ela tentara amá-lo.

Quando finalmente se decidiu a ir atrás dele, encontrou-o no pátio, brincando de barquinho com a rosa num pequeno lago ornamental. Muito entretido, ainda de sandália nos pés.

— David, querido, será que precisa ficar assim tão feio? Vamos já para dentro tirar essas sandálias.

Ele a acompanhou sem protestar, a cabecinha de cabelos escuros balançando à altura da cintura da mãe. Aos cinco anos de idade, não demonstrava o menor receio da secadora ultra-sônica

na cozinha. Mas antes mesmo que Monica pegasse os chinelos, David já tinha se desvencilhado dela e desaparecido na casa silenciosa.

Com certeza estaria à procura de Teddy.

Monica Swinton, vinte e nove anos, de formas graciosas e olhos tremulantes, sentou-se na sala, arrumando as pernas com elegância. Começou por sentar-se e pensar; mas logo estava apenas sentada. O tempo esperava empoleirado em seus ombros com a preguiça maluca que reserva às crianças, aos doidos e às mulheres cujos maridos estão fora, melhorando o mundo. Quase por reflexo, estendeu a mão e mudou o comprimento de onda das janelas. O jardim sumiu; em seu lugar, surgiu à sua esquerda o centro da cidade, cheio de multidões, bombarcos e prédios — mas ela abaixou o som. E ali ficou, sozinha. Um mundo superpovoado é o lugar ideal para se estar sozinho.

Os diretores da Synthank participavam de um farto almoço para comemorar o lançamento de seu novo produto. Alguns usavam máscaras plásticas no rosto, muito em voga no momento. Todos eram muito elegantes e esbeltos, apesar da comida suntuosa e das bebidas que ingeriam. Suas mulheres eram igualmente elegantes e esbeltas, apesar de toda a comida e bebida que, elas também, devoravam. Uma geração mais velha e menos sofisticada teria os considerado todos pessoas bonitas, à exceção dos olhos. Os olhos eram frios e calculistas.

Henry Swinton, presidente da Synthank, estava prestes a fazer um discurso.

— Pena que sua mulher não possa estar aqui conosco hoje — disse-lhe o vizinho de mesa.

— Monica prefere ficar em casa, tendo belos pensamentos — falou Swinton mantendo o sorriso.

— É de se esperar que uma bela mulher tenha belos pensamentos — declarou o vizinho.

“Larga de pensar na minha mulher, seu desgraçado”, pensou Swinton, ainda com um sorriso nos lábios.

E levantou-se para fazer o discurso, em meio aos aplausos.

Depois de algumas gracinhas, falou:

— O dia de hoje marca um verdadeiro avanço para nossa empresa. Hoje faz quase dez anos que introduzimos nossas primeiras formas de vida sintética no mercado mundial. Todos nós sabemos o sucesso que vêm fazendo, sobretudo os dinossauros em miniatura. Só que eles não têm inteligência. Parece um paradoxo que nos tempos de hoje sejamos capazes de criar vida mas não inteligência. Nosso primeiro produto, a Tênia Crosswell, vende mais que todos os outros, e é o mais burro deles.

Todos riram.

— Embora três quartos de nosso mundo superpovoado passem fome, temos sorte de possuir mais que o suficiente, graças ao controle de população. Nosso problema é a obesidade, não a subnutrição. Desconfio que não há ninguém em volta desta mesa que não tenha uma Crosswell trabalhando em seu intestino delgado, um verme parasitário perfeitamente seguro que permite a seu hospedeiro comer até cinquenta por cento mais e ainda assim manter o corpo esbelto. Certo?

Acenos gerais de cabeça.

— Nossos dinossauros em miniatura são igualmente burros, ou quase. Mas hoje estamos lançando uma forma de vida sintética inteligente: um serviçal em tamanho natural. Inteligente, mas sem exageros. Acreditamos que o cidadão comum sentiria medo de um ser com cérebro humano. Nosso serviçal tem um pequeno computador no crânio. Verdade que existem entidades mecânicas à disposição nos mercados, hoje em dia, que têm minicomputadores no lugar do cérebro, mas são coisas

de plástico sem vida, superbrinquedos. O que nós finalmente descobrimos é uma forma de ligar os circuitos do computador à carne sintética.

David estava sentado em frente à comprida janela de seu quarto de brinquedos, lutando com papel e lápis. Por fim, parou de escrever e começou a rolar o lápis para cima e para baixo, no tampo inclinado da escrivaninha.

— Teddy! — chamou.

Teddy estava em cima da cama encostada à parede, debaixo de um livro de gravuras semoventes e de um soldado de plástico gigante. O padrão de fala da voz de seu dono o ativou e ele sentou-se.

— Teddy, não consigo pensar no que dizer!

Saltando da cama, o ursinho caminhou todo rígido até o menino e agarrou-se a suas pernas. David ergueu-o e colocou-o sobre a escrivaninha.

— O que é que você já escreveu?

— Eu escrevi... — Apanhou a carta e olhou fixamente para ela. — Eu pus “Querida mamãe, espero que esteja bem agora. Eu amo você”.

Houve um longo silêncio até que o ursinho disse:

— Parece muito bom. Vá lá embaixo e dê para ela.

Mais um longo silêncio.

— Não ficou direito. Ela não vai entender.

Dentro do ursinho, um pequeno computador examinou o programa de possibilidades. — Por que você não faz de novo com lápis de cor?

David olhava pela janela. — Teddy, sabe no que é que eu estava pensando? Como é que a gente distingue as coisas que são reais das que não são?

O ursinho rearranjou suas alternativas. — Coisas reais são boas.

— E será que o tempo é bom? Eu acho que a mamãe não gosta muito do tempo. Outro dia, muitos dias atrás, ela disse que o tempo estava passando. Será que o tempo é real, Teddy?

— Os relógios marcam o tempo. Os relógios são reais. A mamãe tem relógios, logo ela deve gostar deles. Ela tem um relógio no pulso, ao lado do sintonizador.

David tinha começado a desenhar um avião no verso da carta. — Você e eu somos reais, não somos, Teddy?

Os olhos do ursinho encararam o menino sem pestanejar. — Você e eu somos reais, David. — Era especializado em oferecer conforto.

Monica caminhava devagar pela casa. Estava quase na hora de o correio da tarde chegar. Discou o número da O.L. no sintonizador que tinha no pulso, mas não chegou nada. Alguns minutos mais.

Ela poderia pintar alguma coisa. Ou poderia sintonizar uma das amigas. Ou podia esperar até Henry voltar. Ou podia ir lá em cima brincar com David...

Foi até o hall e parou ao pé da escada.

— David!

Nenhuma resposta. Chamou uma segunda vez e mais outra. Nada.

— Teddy! — Dessa vez em tom mais áspero.

— Pois não, mamãe! — Depois de uma curta pausa, a cabeça de pelos dourados de Teddy apareceu no topo da escada.

— O David está no quarto, Teddy?

— O David saiu para o jardim, mamãe.

— Desça até aqui, Teddy!

Impassível, ela esperou até que a figurinha peluda de pernas curtas descesse degrau por degrau. Quando chegou, apanhou-o do chão e levou-o para a sala. O urso ficou imóvel em seus braços, olhando-a fixamente. Ela sentia apenas uma ligeira vibração do motor.

— Teddy, quero falar com você. — Ela o pôs sobre o tampo de uma mesa e ele ficou conforme o programado: braços estendidos à frente e abertos, no eterno gesto de um abraço.

— Teddy, por acaso o David lhe disse para me dizer que tinha ido para o jardim?

Os circuitos do cérebro do urso eram simples demais para artifícios.

— Disse, mamãe.

— Quer dizer que você mentiu para mim.

— Menti, mamãe.

— Pare de me chamar de mamãe! Por que o David está me evitando? Ele não tem medo de mim, tem?

— Não. Ele ama você.

— Por que não conseguimos nos comunicar?

— Porque o David está lá em cima.

A resposta deixou-a emudecida. Por que perder tempo falando com aquela máquina? Por que não ir simplesmente até o quarto, apanhar David nos braços e conversar com ele, como uma mãe amorosa deve fazer com um filho amoroso? Ouviu o silêncio absoluto da casa, com uma qualidade diferente de silêncio saindo de cada aposento. No hall de cima, alguma coisa se movia muito silenciosamente — David, tentando se esconder dela...

Henry estava perto do fim de seu discurso. Os convidados prestavam atenção, assim como os integrantes da mídia, que

forravam duas das paredes do salão de banquete, gravando suas palavras e de vez em quando registrando sua imagem.

— Nosso serviçal será, sob muitos aspectos, um produto do computador. Sem o conhecimento do genoma, jamais teríamos conseguido decifrar a sofisticada bioquímica necessária à carne sintética. O serviçal será também uma extensão do computador, porque levará um dentro da cabeça, um computador microminiaturizado, capaz de lidar com praticamente qualquer situação que venha a encontrar numa casa. Com reservas, claro.

Risadas profundas; muitos dos presentes sabiam dos acalorados debates que haviam tomado conta da diretoria da Synthank antes da decisão final de deixá-lo um ser neutro, sem sexo, por baixo do uniforme impecável.

— Diante dos triunfos de nossa civilização e, é verdade, diante dos problemas devastadores da superpopulação, é triste pensar nos muitos milhões de pessoas que sofrem de solidão e isolamento crescentes. Nosso serviçal será uma dádiva para elas; lá estará ele, sempre com uma resposta pronta, e nem mesmo a conversa mais tola será capaz de chateá-lo. Para o futuro, estamos planejando novos modelos com desenho mais avançado, verdadeiros seres bioeletrônicos, de homens e mulheres, sendo que muitos sem as limitações deste primeiro, eu prometo! No futuro, além de computadores próprios, capazes de programação individual, os serviçais já virão conectados com a Ambient, a Rede Mundial de Dados. Assim todo mundo poderá usufruir de um verdadeiro Einstein dentro de casa. O isolamento pessoal estará banido para sempre!

Sentou-se sob aplausos entusiasmados. Até mesmo o serviçal sintético, sentado à mesa e de terno simples, aplaudiu com vontade.

Arrastando sua malinha, David contornou a casa pé ante pé. Subiu no banco que havia debaixo da janela da sala e espiou para dentro com toda cautela.

A mãe estava parada bem no meio da sala. O rosto inexpressivo; aquela falta de expressão deixou-o com medo. Ele olhava fascinado. Não se movia; ela também não. O tempo poderia ter parado, como tinha parado no jardim. Teddy olhou em volta, viu o dono, saltou da mesa e aproximou-se da janela. Tateando com as patas, conseguiu por fim abri-la.

Os dois se entreolharam.

— Eu não presto para nada, Teddy. Vamos fugir!

— Você é um menino muito bonzinho. Sua mamãe ama você.

Devagar, o menino abanou a cabeça.

— Se ela me ama, então por que não consigo conversar com ela?

— Você está sendo bobo, David. A mamãe é muito sozinha. É por isso que ela tem você.

— Ela tem o papai. Eu não tenho ninguém, a não ser você, e eu sou sozinho.

Teddy lhe deu um tapinha amistoso na cabeça. — Se está se sentindo assim tão mal, é melhor ir ver o psiquiatra de novo.

— Eu detesto aquele velho psiquiatra. Eu me sinto como se não fosse real com ele. — E David se pôs a correr pelo gramado. O urso saltou da janela e seguiu-o tão de perto quanto lhe permitiam as pernas.

Monica Swinton estava lá em cima, no quarto de brinquedos. Chamou o filho uma vez e depois parou, indecisa. Estava tudo quieto.

Lápis de cor espalhavam-se sobre a escrivaninha. Obedecendo a um impulso súbito, aproximou-se e abriu o tampo. Dentro, havia dezenas de folhas de papel. Muitas escritas com lápis de

cor, na caligrafia atrapalhada de David, com cada letra numa cor diferente da anterior. Nenhum dos bilhetes estava terminado.

MINHA QUERIDA MAMÃE, COMO ESTÁ VOCÊ, SERÁ QUE ME AMA TANTO QUANTO

QUERIDA MAMÃE, EU AMO VOCÊ E O PAPAI E O SOL ESTÁ BRILHANDO

QUERIDA QUERIDA MAMÃE, TEDDY ESTÁ ME AJUDANDO A ESCREVER PARA VOCÊ. EU AMO VOCÊ E O TEDDY

MAMÃE QUERIDA, EU SOU SEU FILHO QUERIDO E GOSTO TANTO DE VOCÊ QUE ÀS VEZES

QUERIDA MAMÃE, VOCÊ É A MINHA MÃEZINHA E EU DETESTO O TEDDY

MAMÃE QUERIDA, ADIVINHA O QUANTO EU GOSTO

QUERIDA MAMÃE, EU SOU SEU FILHINHO, NÃO O TEDDY E EU AMO MUITO VOCÊ MAS O TEDDY

QUERIDA MAMÃE, ESTA É UMA CARTINHA PARA DIZER A VOCÊ O QUANTO QUANTO QUANTO

Monica deixou cair os papéis e saiu chorando do quarto. Em suas cores alegres e imprecisas, as cartinhas voaram em leque e pousaram no chão.

Henry Swinton tomou o expresso de ótimo humor e de vez em quando trocava algumas palavras com o serviçal sintético que estava levando consigo para casa. O serviçal respondia, educada e formalmente, se bem que nem sempre com frases inteiramente relevantes à pergunta, pelos padrões humanos.

Os Swinton moravam numa das regiões mais sofisticadas da cidade. Incrustado em outros apartamentos, o deles não tinha janelas para o mundo exterior; ninguém queria ver o mundo super-

povoado que havia lá fora. Henry destrancou a porta usando o scanner de padrão de retina e entrou, seguido pelo serviçal.

De imediato, foi rodeado pela agradável ilusão de jardins instalados num eterno verão. Impressionante o que um Espaço-grama era capaz de fazer, criando miragens enormes em espaços reduzidos. Por trás de rosas e glicínias, ficava a casa. A ilusão era completa: lá estava sua mansão georgiana.

— Que tal? Gostou? — ele perguntou ao serviçal.

— As rosas às vezes sofrem com pulgões.

— Estas rosas têm garantia contra qualquer imperfeição.

— É sempre aconselhável comprar produtos com garantia, mesmo que custem um pouco mais.

— Obrigado pela informação — disse Henry secamente. As formas de vida sintéticas tinham menos de dez anos, os velhos andróides mecânicos menos de dezesseis. As falhas de sistema ainda estavam sendo eliminadas, ano após ano.

Abriu a porta e chamou por Monica.

Ela saiu da sala de estar no mesmo instante e jogou-se em seus braços, beijando-lhe com ardor o rosto e os lábios. Henry ficou espantado.

Afastando-se para olhá-la de frente, viu que ela parecia emanar luz e beleza. Fazia meses que não a via tão emocionada. Instintivamente, apertou-a um pouco mais.

— Querida, o que foi?

— Henry, Henry, ai, meu querido, eu estava desesperada... Mas eu sintonizei o correio da tarde e... você não vai acreditar! Ah, é tão maravilhoso!

— Pelo amor de Deus, mulher, o que é maravilhoso?

Foi então que viu de relance o cabeçalho da fotocópia que ela tinha na mão, ainda morna do receptor de parede: Ministério da População. Sentiu o sangue lhe fugir do rosto, com o súbito choque e esperança.

— Monica... ah... Não me diga que o nosso número foi sorteado!

— Foi, meu amor, foi sim, nós ganhamos a loteria dos pais da semana! Já podemos conceber nosso filho agora mesmo!

Ele deixou escapar um grito de júbilo. Saíram dançando pela sala. A pressão populacional era tanta que a reprodução tinha que ser rigidamente controlada. Ter um filho exigia permissão do governo. Eles haviam esperado quatro anos por esse momento. Davam gritos de satisfação.

Por fim pararam, ofegantes, ainda no meio da sala, um rindo da felicidade do outro. Ao descer do quarto de brinquedos, Monica desopacificara as janelas, de modo que elas agora exibiam uma vista do jardim. A luz do sol artificial se alongava dourada sobre o gramado — e David e Teddy estavam olhando para eles através da janela.

Vendo o rosto dos dois, Henry e a mulher ficaram sérios.

— O que vamos fazer *deles*? — Henry perguntou.

— Teddy não é problema. Ele funciona muito bem.

— O David está com defeito de novo?

— Seu centro verbal de comunicação continua dando problema. Acho que ele vai ter que voltar para a fábrica mais uma vez.

— Certo. Vamos ver como ele se sai até o bebê nascer. Por falar nisso, tenho uma surpresa para você: ajuda bastante quando se precisa de ajuda! Venha até o hall ver o que eu trouxe.

Enquanto os dois adultos desapareciam da sala, menino e urso continuaram sentados debaixo das rosas padrão.

— Teddy... eu suponho que a mamãe e o papai sejam reais, não é mesmo?

E Teddy falou:

— David, você faz cada pergunta boba. Ninguém sabe o que “real” quer dizer de verdade. Vamos entrar.

— Primeiro vou pegar outra rosa! — Apanhando uma flor muito cor-de-rosa, levou-a consigo para dentro de casa. Ela ficaria sobre o travesseiro quando ele fosse dormir. Sua beleza e maciez o fariam lembrar-se da mãe.

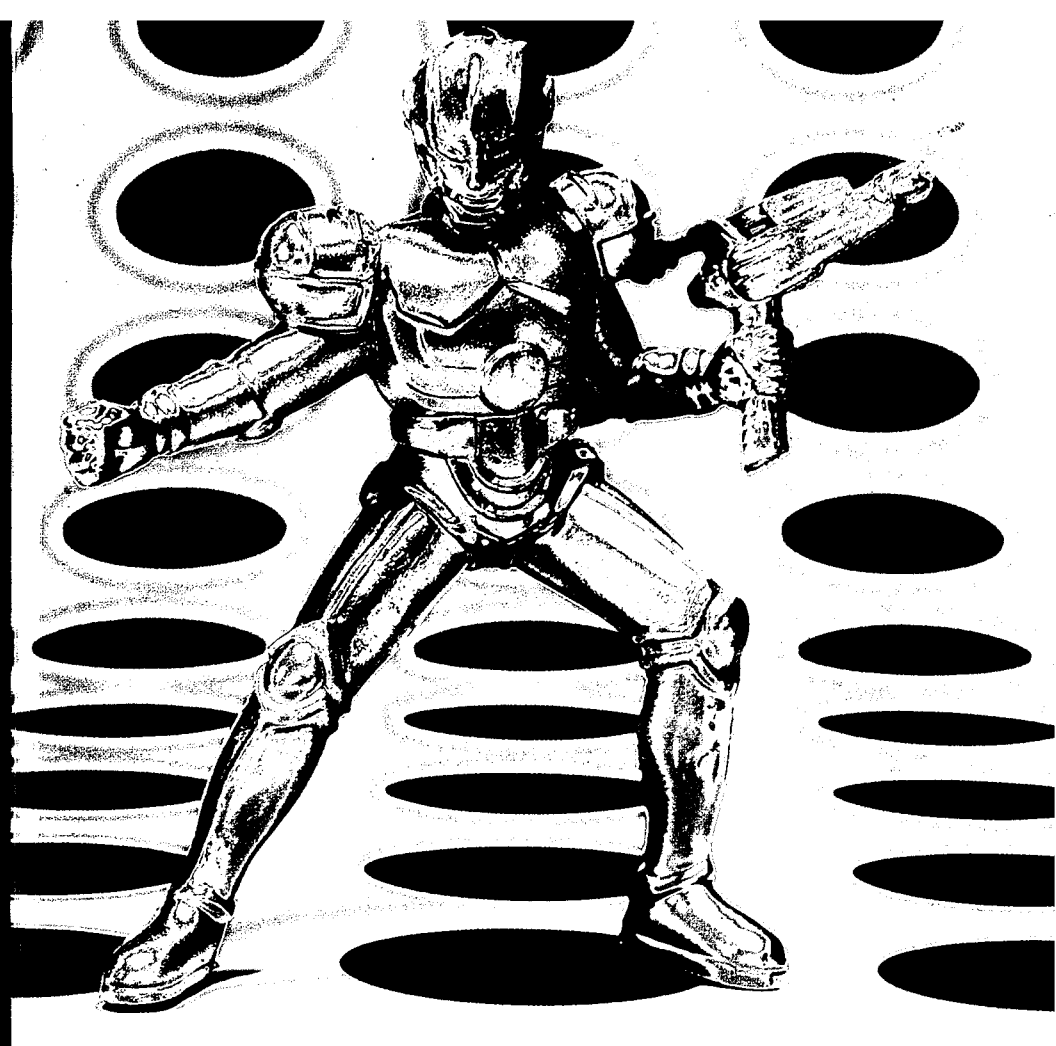
## Superbrinquedos quando vem o inverno

No jardim da senhora Swinton nem sempre fazia verão. Monica se aventurara até a cidade apinhada, com David e Teddy, e comprara um VRD para “Eurinverno”. Agora as amendoeiras estavam todas despidas. Com os galhos vergados de neve. A neve não derreteria jamais, desde que o disco continuasse tocando.

E assim, nas falsas paredes e janelas da casa de simulação dos Swinton, a neve permaneceria alojada para sempre nos parapeitos. As gotículas congeladas penduradas dos beirais não derreteria jamais, desde que o disco continuasse tocando.

O gélido céu azulado de inverno permaneceria o mesmo para sempre, desde que o disco continuasse tocando.

David e Teddy estavam brincando no tanque ornamental congelado. A brincadeira era simples. Saíam escorregando de lados opostos e quase se abalroavam no meio. Isso sempre provocava muitas risadas.



BRUNO MAGLI

# Superbrinquedos duram o verão todo

compre até 10 de agosto de 2011

em

www.brunomagli.com.br